

1. Lições de haikai para dias que explodem. De origem japonesa e influência zen, haikai é a poesia de três versos que, há mais de cem anos, aportou no Brasil e, de lá para cá, prolifera-se, transforma-se. Seu sentido de ser, no entanto, segue intocável: haikai é o sutilíssimo espanto diante de todo e qualquer fenômeno — com preferência aos diminutos e corriqueiros. Haikai: pedrisco que brilha, centelha, chispa. Encontrá-lo na sordidez do meio-fio urbano não é, exatamente, subverter sua tradição bucólica, mas expandir seu escopo, adicionar mais ingredientes, misturar sabores. Pois não importa se ambientado na floresta ou no asfalto, haikai é suspiro de uma experiência de assombro, escrita do olhar que sempre vê pela primeira vez, mínimo encanto encapsulado.

§ Os haicais surgem com mais vida cedo da manhã, logo quando me levanto. Às vezes nos quinze minutos de crepúsculo, quando faço uma pausa das atividades. Ou no fim do dia, minutos antes de me deitar. No agito da tarde, meus haicais adormecem. E vêm à tona assim que me permito entrar em tal estado de consciência afinado — o mesmo estado de consciência de quando tentamos passar a linha pelo estreito buraco da agulha.

§ Acho que é isso mesmo: fermentamos haicais quando corpo e mente se esforçam para passar a linha pelo estreito buraco da agulha.

§ Todo haikai deve ser, necessariamente, anticapitalista. Impossível imaginar um haikai que celebre qualquer aspecto da filosofia liberal e da sociedade de mercado. No entanto, haikai é água: flui, permeia, vaza. Por isso é capaz de abarcar a realidade do mundo industrial (e pós-industrial) e exercer sua plenitude poética até mesmo no seio — e através dos meios — da sociedade neoliberal. Haikai é água.

§ Na era da sexta extinção em massa, o *kigô* (elemento do haikai tradicional que, em algum dos três versos, faz menção, direta ou indiretamente, à estação do ano), junto com o clima do planeta, se desequilibra, convulsiona, torna-se, com mais facilidade e frequência, evento extremo. A indesejada era dos *kigôs* acalorados, intempestivos, agressivos.

§ O legado da tradição do haikai no Antropoceno será o de apontar para as aberrações e desastres humanos, sem se ressentir. Apontar o erro de rota, o equívoco da cosmovisão antropocêntrica, através da imagem da flor escassa, do inseto em solidão, do verão flamejante.

§ Não ressentir não implica consentir: o haikai no Antropoceno também deve denunciar os crimes e mazelas desta civilização humanocentrada, adoecida até os nervos.

§ A base espiritualizante do haikai, que sugere o desprendimento da fantasia de uma identidade autocentrada, a fim de se abrir à corajosa e terna experiência da diluição no mundo, é, ela mesma, instrumento poderoso capaz de aplacar os delírios da nossa civilização humanocentrada.

§ Em estado refinado, haikai é *satori* (iluminação súbita). Satori em decorrência do acionamento dos órgãos dos sentidos a nível fotográfico. Órgãos dos sentidos como lentes translúcidas a captar o estado das coisas no *aqui-agora*. A natureza da experiência de iluminação de Bashô, fundida nos fenômenos do lago, do sapo e do barulho da água, é a mesma da do monge que, enquanto varria o chão da cabana, realizou-se ao ouvir o som de pedrinhas chocando-se com a parede. Haikai é um satori à mercê do que ocorre no mundo neste exato instante. Experiência de uma simplicidade acachapante — e que, de tão sutil, geralmente nos escapa. Praticar é preciso.

§ Quanto mais zazen, mais haikai. Quanto mais karatê, mais haikai. Quanto mais perambulações, mais haikai. É fascinante perceber que a anatomia e o movimento — espécie de mecânica metafísica — de todos esses exercícios são idênticos. Zazen: consciência na inspiração, expiração e no interstício imóvel de uma coisa e outra. Simples golpe de karatê: da base fixa, o movimento que se desloca com velocidade e, no limite, libera força, pressão, impacto. Perambular: dinâmica de um pé suspenso, outro firmado no chão, e o ligeiro, quase imperceptível, encontro de ambos, no solo, no interstício do movimento. E mais: o caminhar, a realidade do entorno e a impressão gerada pela fusão das partes. Haikai: do uno estático (primeiro verso), à ação e movimento (segundo verso), à síntese acolhedora, resignada (terceiro verso). Zazen, karatê e haikai. Cada um com sua mecânica íntima de tese, antítese e síntese. Matemática cósmica do três. A dualidade que visa a unidade. A unidade eterna formada a partir da dualidade.

§ Haikai é o mais sofisticado voto de celebração da vida imanente que tive a felicidade de conhecer e praticar. Nietzsche, se o tivesse conhecido e praticado, talvez anunciasse haikai como *amor fati*.

§ No sonho desta madrugada, um sopro sugere que haikai é *poiesis* de chão, humilde, singela; que haikai é joia telúrica, sopro puro da beleza imanente. Porque tudo é imanência. E tudo é impermanência. Em solo rico, bem cultivado, o haikai está livre de toda mácula.

§ Até que tudo que se escreva — do haikai ao ensaio — seja haikai: impressão imediata do que se vive. A escrita sem verdade, sem fechamento, sem sistema. A escrita do ato.

2. Haikai enquanto samba. Intuo uma relação harmoniosa entre o samba e o haikai. Vivo a ternura e a força dessa fusão quando, ao escutar samba, recebo haicais; ou quando termino de escrever um haikai e sinto vontade de escutar um samba.

perto, sol poente
samba bom e antigo
sábado quente

§ Às vezes fecho os olhos e imagino ideogramas japoneses num fundo verde e rosa da Estação Primeira de Mangueira. Como se fosse perfeitamente possível a união entre Cartola e Bashô, João Nogueira e Yosa Buson, Nelson Cavaquinho e Kobayashi Issa. Como se muitos *kigô*s de verão e primavera pudessem cair nos braços de Dona Ivone Lara, Alcione, Clementina de Jesus. E por aí vai.

caquis de Shiki
e craques canarinhos —
arte vem dos pés

um acorde, um golpe
mente na ponta dos dedos —
cavaco e karatê

§ Em comum para ambas as artes — ambos os caminhos —, reside, como elemento primordial, a estética da simplicidade. Simplicidade como refinamento do bruto, alquimia da cafonice, aparas do excesso, transmutação da petulância, esquiva da grandiloquência. O trato doce, qual o trabalho de um marceneiro, a partir de um forte aspecto rústico da vida. A sábia combinação entre firmeza e delicadeza, alegria e melancolia.

outono doce
cheio de presente —
caqui e agora

§ Pois minha intuição sobre a singela fusão entre haicai e samba, por fim, remonta a um sentimento próprio de alegria e melancolia. A melancolia atrelada a uma nostalgia de tradição, daquilo que despontou quando não estive e só posso imaginar como foi; daquilo que vivo apenas por reflexo, resistência, reavivamento. Nesta época, quem não? Nosso tempo é de ruídos e estilhaços. Sabemos, sentimos, que é um tempo eufórico, aberto ao caos ou ao nada. Mais a fundo, também sabemos e sentimos que é um tempo melancólico.

o sol caindo
enquanto caminho e canto
um samba triste

Nelson Cavaquinho
dedilha de dó a dor —
choro baixinho

§ A alegria do sincretismo, em nascer em terra de tantos sincretismos. Haisamba? Ou, melhor, sambacai? A alegria de saber que, mesmo diminutas, resistentes, às voltas com a preciosida-

de e com o preciosismo, tive o privilégio de (me) encontrar — e
mergulhar — (em) tais tradições.

filtro de barro
vaso de samambaia
iluminados de Brasil

zazen e paçoca —
quanto menos de mim
só amendoim

§ A dimensão trágica da vida; e a dimensão da beleza da vida. Da tragédia, desponta a beleza. Dos haijin que viveram catástrofes naturais, a penúria, a tragédia familiar, e viram na vida a impermanência de todas as coisas; e, da impermanência de todas as coisas, o singelo louvor à vida. Dos sambistas que viveram o mando e a chibata, o eco do mando e da chibata, a escassez, o desamparo; e, da dor e do desamparo, juntaram forças entre eles, através da carne e do batuque, dos morros e dos santos. A força e a ternura. Assim é o haicai. Assim é o samba. Por isso um bom samba dá um bom haicai. E um bom haicai dá um bom samba.

quantos satori
sonoros, verde e rosa
ao escutar Cartola

um bom arranjo
bravura e sorriso —
o samurai samba